

## CAPÍTULO 2

# Conversa no espelho: o processo de autoconhecimento por meio da pesquisa

Bruna Wroblewski Pereira

Marco Antônio Bettine de Almeida

*A linguagem técnica de um pesquisador deve ser impessoal, informativa e técnica, para escrever um bom artigo. Utiliza-se da terceira pessoa na escrita, para tornar o caráter do texto impessoal, não utilize a primeira pessoa, ela se refere a um ponto de vista no qual o autor fala a partir da própria perspectiva, tornando as coisas muito pessoais e cheias de opinião.*

Pereira, B. W.

Cheias de opinião? Como escrever de forma impessoal, se minha pesquisa só existe porque sou quem eu sou? Em março de 2020, em meu segundo ano de graduação, iniciei a disciplina de Sociologia do Esporte. O professor da disciplina pedia um trabalho final em que os aspectos voltados ao ser praticante, e não apenas à prática, fossem abordados. Eu demorava duas horas para chegar na sala de aula, que iniciava às 8h, acordava muito cedo, trabalhava dando aulas de inglês, dançava e ainda fazia uns “bicos” em bufê infantil. Irritada, querendo me livrar da tarefa, decidi fazer algo que fosse muito próximo a mim, de fácil execução, sem muito planejamento.

A dança já fazia parte da minha rotina e o grande motivo que escolhi cursar Educação Física era a proximidade da área com a dança. Passando por vários estilos, diversas modalidades, dançando profissionalmente, entendi que dançar era o que eu amava. O mundo capitalista não permitia que eu vivesse apenas dançando, mas na Educação Física eu tinha uma chance de manter isso por perto. Mesmo com uma grande paixão, o espaço artístico foi me mostrando em muitos momentos que aquilo não era para mim, que eu não pertencia àquele ambiente.

Decidi, então, que o tema da minha pesquisa seria “Corpos negros na dança”. Ao final do semestre, fiz minha pesquisa em alguns dias, criei uma apresentação de slides e, em algumas horas, gravei o vídeo da apresentação. Importante ressaltar que, após duas semanas de aula, as atividades foram suspensas em toda a universidade devido à pandemia de covid-19. Portanto, a disciplina foi conduzida de forma on-line e o trabalho seria entregue em formato de vídeo.

Trabalho enviado para o e-mail do professor; uma semana depois, o retorno: “nota 6”. No mesmo instante me desesperei, eu, uma aluna que sempre tirava notas altas, preocupada com a média ponderada, questionei a nota ao professor e pedi uma segunda chance, ele me respondeu que eu poderia refazer e que estavam faltando referências no meu trabalho.

Refiz o trabalho, gravei o vídeo novamente, nota máxima, fiquei aliviada. O trabalho ainda foi para coletânea de artigos da disciplina em um livro virtual e para o acervo virtual da universidade. Os dois anos seguintes foram tenebrosos, altos índices de morte por covid-19 e o isolamento social, que parecia cada vez mais distante de terminar, atravessaram nossas vidas sem expectativa de final.

Minha trajetória na universidade foi ficando cada vez mais biológica, minhas vivências profissionais nos estágios eram muito técnicas e as questões que a pandemia me trouxe me incomodavam absurdamente. Estava finalizando uma pesquisa do programa de bolsas na Universidade de São Paulo e decidi voltar à minha pesquisa sobre corpos negros na dança com o professor do primeiro ano de graduação. Agora, como iniciação científica, as discussões eram mais profundas e o conteúdo mais denso, mas tudo fazia sentido.

No último semestre de graduação, fiz mais uma disciplina na área da Sociologia do Esporte. Ministrada pelo meu orientador de pesquisa, o mesmo professor da primeira pesquisa do primeiro ano de graduação. Novamente um trabalho final, que dessa vez exigia uma pesquisa de campo, e decidi realizar entrevistas com bailarinas negras.

Consegui marcar uma entrevista com uma colega de estágio que havia trabalhado comigo. A entrevista foi via Google Meet e durou apenas 30 minutos, mas não houve sequer um minuto em que eu não me via nas respostas da entrevistada.

É claro que todos possuímos vivências muito particulares, mas em muitos momentos a impressão que eu tinha era de uma conversa no espelho, realizando uma autoentrevista, uma autopesquisa.

A experiência foi transformadora, foi terapêutica; duas mulheres, dançarinas, negras, em um ambiente seguro, compartilhando das mesmas dores e angústias, o que me motivou a seguir para o mestrado. Mas ainda assim, como seguir com a pesquisa sem misturar minhas dores? Como conseguir contar para a banca as minhas vivências, sendo que eu sou o objeto de pesquisa, mas também a pesquisadora?

Nas primeiras aulas da disciplina de Filosofia da Ciência, lembro-me de reforçar algumas vezes durante as aulas: “mesmo que tentemos, nunca seremos descolonizados o suficiente”. Mignolo desenvolve o conceito de colonialidade como a lógica de organização do sistema ocidental desde o Renascimento até a atualidade – o termo “colonialidade” foi cunhado pelo sociólogo peruano Anibal Quijano no final dos anos 1980 e é muito utilizado nos trabalhos de Mignolo. Diretamente relacionada com as transformações e construções da sociedade, Mignolo ainda vai além e nos diz que a colonialidade é o lado mais obscuro da modernidade, compreendendo que essa narrativa tem seu início nos processos coloniais europeus e perdura até os dias de hoje (Mignolo, 2017).

Compreender a colonialidade significa aplicar a ideia de superioridade branca, europeia, machista e cis heteronormativa a toda e qualquer situação. Mignolo descreve em seu artigo “O lado mais escuro da modernidade” o conceito criado por ele de “matriz colonial de poder”, como um interrelacionamento e uma integração complexa de dominação sobre a economia, a autoridade, o gênero, a sexualidade, o conhecimento e a subjetividade. E seus apontamentos são tão claros e palpáveis que ele enumera e descreve os processos históricos coloniais com data, local e sujeito, destacando o que ele chama de “nós que constituem a matriz colonial de poder” (Mignolo, 2017).

Eu costumo utilizar o termo “enraizado” para descrever como os resquícios do colonialismo estão presentes no cotidiano. Buscar a descolonização é em muitos momentos iluminador e empoderante. Quando se entra em contato com as primeiras leituras decoloniais, você começa a fazer uma análise de sua história de vida e a pensar em todos os momentos e situações incômodas que viveu em experiências problemáticas, não vistas anteriormente.

Sou uma mulher negra, mas muitos me classificam como “morena”. Ainda criança, ouvia minha mãe responder a estranhos: “não economiza na tinta, não, minha filha é preta”. A identificação racial no Brasil possui diversas camadas e a minha também é complexa: sou filha de um homem negro com uma mulher branca, meu pai e minha mãe possuem mães brancas e pais pretos. Apesar da cor da pele, não

posso traços fenotipicamente afrodescendentes. Tanto minha mãe quanto meu pai possuem o cabelo com a textura lisa, e eu, uma mulher negra, tenho o cabelo com a mesma textura. Para além do cabelo, por ter um rosto de “mestiça”, durante muitos anos eu fui chamada de “morena”.

Ser chamada de “morena”, em muitos momentos da minha infância, era algo de orgulho, como se “morena” me aproximasse de algum modo dos privilégios e do prestígio da branquitude. Mesmo pequena, eu sabia enxergar muito bem que “eu era bem mais bonita que as meninas retintas da minha idade, mas ainda assim, não era tão bonita quanto as loiras”. Pelo menos era isso que meu cérebro de cinco anos pensava enquanto tentava construir minha autoestima.

Ter o cabelo “mais liso” me trazia uma sensação de pertencimento, atmosfera que bell hooks descreve como o processo de embranquecimento da população negra, mulheres negras de cabelo crespo alisam seus cabelos desde a infância, buscando aprovação social. bell hooks descreve que o cabelo alisado em mulheres negras está associado a melhores empregos, melhores cargos, mais respeito e, para além das posições sociais, uma representação física do ser negro, que deve ser domada e controlada (hooks, 2014). Logo, ter o cabelo naturalmente mais liso foi para mim motivo de orgulho por muitos anos.

E é partir desse exemplo e de outras análises que percebemos diversas dores relacionadas ao colonialismo. Silvio de Almeida descreve o conceito de “racismo estrutural” como uma ação conjunta da sociedade que, por diversos mecanismos e instâncias, coloca o negro como inferior. O racismo estrutural é uma das consequências do colonialismo, que atravessa o cotidiano e sustenta as estruturas sociais que conhecemos hoje, ou, como coloca Mignolo, um dos “nós” da Matriz Colonial de Poder (Mignolo, 2017).

Quando dançava, pensava que não importava quão boa eu fosse, mesmo que fosse uma das melhores, não era capaz de me imaginar em um local de prestígio. Ao longo dos anos, fui me esforçando para “ser a melhor”, mas rapidamente me frustrava, não conseguia os papéis e as posições que queria, e não percebia que outras pessoas admiravam a minha dança como eu gostaria de ser admirada. Em certo ponto, decidi que a dança não poderia ser algo decisivo na minha vida, e sim, no máximo, um passatempo. Assim, a literatura decolonial foi quase um processo de iluminismo, houve uma validação e um alívio em saber que há outras pessoas que corroboram suas histórias e sentimentos, e que você não está sozinho.

Conhecendo literaturas que falavam sobre as questões de raça no Brasil, pude perceber que minha vivência na dança era atravessada pelo racismo estrutural e muitas outras questões que fugiam do meu controle, e isso me fortaleceu. O conhecimento é, em muitos momentos, libertador. Mulheres que conhecem a teoria feminista

costumam ser fortalecidas em seus ambientes, compreendendo as questões de gênero surgidas com o colonialismo. bell hooks conta que conheceu a teoria feminista por meio de suas dores, precisava curar e tratar suas feridas doídas há tanto e que não eram remediadas; para ela, apenas os atos de existir e resistir já eram feminismo (hooks, 2020).

Entretanto, hoje percebo minha vivência de uma forma diferente. Acredito que o maior impacto do racismo e da colonização em minha vida tenha sido minha própria frustração e baixa autoestima. Aos poucos, fui desistindo da dança porque “sabia” que nunca seria boa o bastante e que nunca chegaria ao nível que eu gostaria. Independentemente de como eu era vista pelo mundo, a única pessoa que deveria acreditar em mim era eu mesma, e não acreditava. Penso que pouco importam as posições e lugares aos quais cheguei com a dança, mas a sensação de impotência não deveria ter sido determinante para isso.

Os dejetos da colonização nos colocam em prova, nos desafiando a apenas manter-nos vivos enquanto há todo um sistema que orquestra nossa morte. Depois de um certo ponto, esse processo se torna frustrante e doloroso. Quanto mais consciente você se torna, mais aquilo lhe entristece, porque você percebe que não possui ferramentas suficientes para realizar uma mínima mudança sequer. É iniciado um processo de luto, em que a esperança, a rebeldia e o sentimento de revolta são tomados pelo confinamento. O grito é substituído pelo silêncio; a denúncia, pela ignorância; e o empoderamento, pela impotência.

Achille Mbembe é conhecido por criar o termo “necropolítica”, a “política da morte”, uma forma de controle dos corpos. Outro resquício do colonialismo, a necropolítica evidencia como, para algumas pessoas, simplesmente estar vivo é sinônimo de resistência. A cultura ocidental é organizada de tal forma a decidir quais sujeitos devem morrer, não de forma física e diretamente, mas nas micro e nas macrorrelações. Os poderes se apresentam para regular os direitos dos sujeitos com destino à morte (Mbembe, 2018).

A supremacia branca pode ser abarcada como uma das matrizes presentes na lógica de Mignolo, e pode também ser compreendida como parte do sentido da necropolítica. Ser uma mulher negra me mostrou que a minha cor de pele influencia em todos os âmbitos da minha vida, querendo ou não. Uma forma de racismo estruturada a fim de manter sob controle corpos que não estão no poder. Almeida (2019) descreve com clareza o termo “racismo estrutural” quando coloca que o racismo é mais do que uma atitude pessoal e se estende a todas as relações sociais e políticas, seja ela consciente ou inconsciente. As pessoas e as instituições trabalham para priorizar grupos raciais específicos e, portanto, é fácil que os indivíduos reproduzam seu comportamento apenas por não se posicionarem ou tomarem ações contra:

“o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2019, p. 34).

O sistema de racismo estrutural é visto como um processo que, por meio de uma série de eventos, reitera e reconstrói constantemente os conceitos de racismo. Está dentro da comunidade e interfere nos processos sociais, sendo parte da estrutura.

As nuances que atravessam os sujeitos são inúmeras e é preciso, além de vivência, estar de mente e corpo abertos para percebê-las, processá-las e digerir-las. Quando realizei a primeira entrevista da minha pesquisa, ainda aluna de graduação e desenvolvendo uma iniciação científica, pude perceber o quão necessário e sensível era falar sobre racismo na dança. E não somente isso, percebi que as ânsias e dores presentes na fala da entrevistada também me representavam.

Quando pesquisamos, acreditamos que nunca temos domínio suficiente da literatura, e é a lógica da modernidade que nos leva a sempre pensar de forma lógica, objetiva e impessoal. No ensino médio, ouvia dos professores que eu jamais produziria algo, apenas reorganizaria com base em outros autores. E é conhecendo cada vez mais o mundo acadêmico que você descobre uma coletânea de trabalhos que são apenas uma junção de referências e citações. É claro que esse tipo de produção funciona e é válida em muitos sentidos, entretanto, costuma-se criar um pesquisador e não um sujeito, que por sua vez fala de uma amostra e não de pessoas, e apresenta seus resultados para a banca e não para o mundo.

Não acredito que seja possível, em qualquer tipo de entrevista, agir de forma impessoal. O ser humano é um amontoado de trocas que realizamos a todo instante. Desde o nascimento até a morte, não somos e não podemos ser “originais”, “exclusivos”, você é o que é pelas trocas que já fez. Em uma entrevista, fui capaz de perceber por meio do olhar, da postura, do tom de voz, das expressões faciais e de outros microdetalhes o que nenhum texto seria capaz de traduzir.

Nenhuma pesquisa é neutra ao participante ou ao pesquisador. A pesquisa coloca o sujeito diante de reflexões pessoais, que envolvem dinâmicas simbólico-emocionais em construção e reconstrução na vivência da pesquisa, provocando dinâmicas de desenvolvimento microgenético (Araújo *et al.*, 2016).

Além disso, na entrevista encontrei um ambiente quase que terapêutico de identificação e cuidado, em que me vi na oportunidade de agir como eu gostaria de ter sido tratada.

Nem sempre quando conversamos no espelho encontramos alguma solução ou resposta para nossos problemas; na grande maioria dos casos, apenas amenizamos os sentimentos, dissolvendo-os para não ficarem tão pesados de carregar e tornar

nossa caminhada mais leve. A busca por respostas e justificativas no meio acadêmico pode ser justamente o aumento dessa escuta e dissolução, não somente do eu pesquisador, mas também dos sujeitos e para quem produzimos.

Iniciar um processo de “decolonialidade” no mundo acadêmico é ter em mente que o caminho é árduo, e não é possível ver a linha chegada. Mas pequenos encontros, trocas e relacionamentos que surgem no caminho são suficientes para motivar a continuidade da caminhada. Em algumas bolhas de pensamento decolonial, tem-se como senso comum de que “a ignorância é acompanhada da felicidade”, e quanto mais se sabe, mais se frustra. Hoje não acredito nisso. Enxergo, em muitos encontros, oportunidades para sermos abraçados e abraçarmos nossas falhas e comportamentos inconscientes; e buscarmos, por meio da aceitação, algum caminho para mudanças.

Que seja possível encontrar uma pessoa cada vez mais amável ao nos olharmos no espelho.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- HOOKS, B. *Alisando o nosso cabelo*. Portal Geledés, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>.
- HOOKS, B. *Ensinar para transgredir*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- ARAÚJO, C. M. *et al.* O sujeito na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 33, p. 1-7.
- MBEMBE, A. Necropolítica: arte & ensaios. *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, jun. 2017.

